

Eu vi um canário ou da avestruz à ema

Américo Venâncio Lopes Machado Filho

Estavam ali. Três canários. Um de certeza, pois tinha o papo amarelo e as penas superiores de tom esverdeado, na mesma distribuição cromática com que me acostumei a vê-los na minha infância. Os outros dois me pareciam canários, senão pela cor um pouco mais cinza. Talvez fossem fêmeas ou filhotes. Como é difícil compreender a natureza das coisas! O pertencimento entre os três me parecia, entretanto, óbvio a ponto de insistir em afirmar serem da mesma espécie. Quando o mais amarelo voou para um galho de árvore, os dois imediatamente o seguiram. E cantaram todos. Olhei para trás e observei o Congresso Nacional. A Esplanada dos Ministérios, com seus prédios tão iguais e tão diferentes.

Depois, ouvi falar da ema. A pergunta era a de que faria uma ema em um manuscrito medieval, do século XIV, se como animal de habitat originalmente americano jamais poderia ter sido do conhecimento de um monge do medievo, no momento em que transcrevera para o português aquele original latino *De bestiis et alii rebus*. Parece que seria um dia em que a ideia de *oopart* e *oopths* que eu havia utilizado na véspera, sem um sentido tão apropriado como este – que se diga –, haveria de efetivamente se pronunciar: *Out of place artifacts*, *Out of place things*. Eu, como fosse um bom monge, não me furto a tarefa de transliterar, já que uma língua estrangeira não deixa jamais de ser, como diriam os latinos, *extranea* para alguém: *artefatos fora do lugar*, *coisas fora do lugar*.

Os arqueólogos vivem às voltas com esses dois termos, pois nem sempre conseguem justificar a impropriedade de algumas coisas ou a presença inadvertida de alguns fenômenos na História. Mas a ema, esta haverá de merecer uma melhor solução. E aí dois jovens e entusiásticos estudantes, após pesquisarem a etimologia desse estranho animal, perguntaram-se, e a mim também, após considerarem que o vocábulo ema seria de origem árabe, que estaria fazendo essa palavra na pena de um monge, em um mosteiro cisterciense do século XIV? É claro que tudo isso na rapidez do moderníssimo e-mail.

Benditos sejam! Parecia agora se tratar do *lugar fora das coisas*.

Os árabes foram responsáveis por uma larga introdução de itens lexicais na língua portuguesa, no longo período em que estiveram na Península Ibérica, estimando-se, algo em torno de mil vocábulos, essa herança.

A ema, do árabe *na'âma*, mesmo a posteriormente batizada brasileira, recebe esse nome porque foi assim que passou o português, ainda na Idade Média, a reconhecer a ideia daquela ave que, provavelmente embora jamais a tivessem visto, chamavam de *avestruz* os espanhóis, pela junção de *ave* + *estrutz*, este provindo do occitano *estrutz*, que por sua vez provém do latim *struthio,onis*, que ainda não se perde de sua origem grega, caso se a quisesse recuperar. O português talvez não tenha sabido da diferença existente entre uma e outra em relação aos dedos dos pés.

Com a alma mais confortável por causa da ema, voltei a lembrar dos canários, da Esplanada dos Ministérios e me veio à memória também a Praça dos Três Poderes. Preferi parar por aqui.

Não sem antes desejar que o Brasil tenha notícia de que a Biblioteca da Universidade de Brasília conserva os manuscritos medievais mais antigos existentes no Brasil, entre os quais um iluminado *Livro das Aves*, em que há emas, mas não canários.